

**METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO EM PSICOLOGIA AMBIENTAL****L. M. G. Siebra<sup>1</sup>; Z. Á. C. Bomfim<sup>2</sup>; L. C. A. Sousa<sup>3</sup>; M. F. Oliveira<sup>4</sup>; M. R. Soares<sup>5</sup>**

<sup>1</sup>Professora do Departamento de Psicologia da UFC e Coordenadora do Programa LOCUS. E-mail: [luciasiebra@gmail.com](mailto:luciasiebra@gmail.com); <sup>2</sup>Professora do Departamento de Psicologia da UFC e Coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental (LOCUS); <sup>3</sup> Aluna da Pós-Graduação em Psicologia da UFC e integrante do LOCUS; <sup>4</sup> Psicóloga graduada pela UFC e ex-integrante do LOCUS; <sup>5</sup> Psicóloga graduada pela UFC e ex-integrante do LOCUS. E-mail: [marina\\_rsoares@hotmail.com](mailto:marina_rsoares@hotmail.com)

Artigo submetido em Abril/2015 e aceito em Junho/2015

**RESUMO**

A Psicologia Ambiental estuda a inter-relação entre o indivíduo e seu entorno, reconhecendo a importância do ambiente na conduta do sujeito e a influência que o sujeito exerce sobre o espaço. Nesse trabalho, apresentam-se três das principais metodologias de investigação e intervenção utilizadas por alunos e professores do Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental (LOCUS). Destacam-se três metodologias que se consolidaram ao longo de sua história: trilhas socioambientais, oficinas de intervenção psicossocial e mapas afetivos. As metodologias apresentadas têm em

comum os propósitos de pesquisa, construção e divulgação dos saberes, vivências dos temas específicos e reflexões coletivas. As atividades de estudo e pesquisa desenvolvidas de forma associada com ações, vivências e trocas de experiências, adquirem um caráter potencializador para o desenvolvimento de posturas reflexivas e críticas por parte dos indivíduos, que se transformam de meros espectadores a sujeitos históricos do seu tempo, capazes de criar, transformar e compartilhar saberes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trilhas socioambientais. Oficinas psicossociais. Mapas afetivos.

**ACTION RESEARCH METHODOLOGIES IN ENVIRONMENTAL PSYCHOLOGY****ABSTRACT**

Environmental Psychology studies the relationship between the individual and his surrounding, recognizing the importance of the environment in the subject and the influence that the subject on space. In this work, we present three of the main research and intervention methodologies used by students and professors from the Environmental Psychology Research Laboratory (LOCUS). Include three methodologies that have been consolidated in the course of its history: environmental trails, psychosocial intervention workshops and affective

maps. The methodologies presented have in common the research, construction and dissemination of knowledge, experiences of specific themes and collective reflections. Study and research activities developed associated with actions, experiences and exchange of experiences, acquire a catalyzing character to the development of reflective and critical stances by individuals, that they become mere spectators to historical subjects of his time, able to create, transform and share knowledge.

**KEYWORDS:** Social and environmental trails. Psychosocial intervention workshops. Affective maps.

## **INTRODUÇÃO**

A Psicologia Ambiental (PA) tem como foco de estudo a inter-relação entre o indivíduo e o seu entorno, reconhecendo tanto a importância do ambiente na conduta do sujeito quanto à influência que o mesmo exerce sobre o espaço em que está inserido. O ambiente aqui apresentado não se configura apenas como um espaço físico, também fazem parte do mesmo as relações que são estabelecidas e todo o teor simbólico daí decorrente.

Marcada pela interdisciplinaridade, a PA mantém diálogo com diversas áreas do conhecimento, tais como Arquitetura, Geografia, Sociologia, Antropologia, Educação, etc. Abrange, portanto, o estudo de questões amplas e complexas, com características tais que deflagram a necessidade de, cada vez mais, os estudos nesse campo serem aprofundados e os saberes difundidos.

Por ter surgido como um campo de investigação psicológica apenas no fim dos anos cinquenta e começo dos anos sessenta do Século XX, justifica-se que a formação de teorias nesse campo ainda esteja em movimento (CARRUS, FORNARA & BONNES, 2005).

Nesse trabalho, pretende-se descrever três das principais metodologias de investigação e intervenção da PA, a partir da experiência do Projeto de Extensão “Metodologias de Investigação - Ação no Campo da Psicologia Ambiental” (MIA), desenvolvido no Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental (LOCUS), da Universidade Federal do Ceará (UFC), fundado em 2003. Desta forma, além de divulgar algumas metodologias a partir de experiências avaliadas positivamente, este artigo espera desmitificar que a Psicologia seja uma ciência que serve apenas ao esclarecimento de questões teóricas, demonstrando que, do mesmo modo que ocorre com outras áreas, também serve ao interesse social por sua aplicação prática, conservando sempre sua natureza interdisciplinar (SANCHEZ, 2005 apud RAYMUNDO, 2010).

O LOCUS trabalha, dentre outras, com três metodologias mais específicas que tem como foco investigar a inter-relação homem ambiente: trilhas socioambientais, oficinas de intervenção psicossocial e mapas afetivos. Nesse artigo, descrever-se-á cada uma delas, elucidando sua origem, seu modo de organização e suas possibilidades de aplicação.

## **2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PSICOLOGIA AMBIENTAL**

Como já foi dito anteriormente, a Psicologia Ambiental (PA) estuda a pessoa em seu contexto, tendo como tema central as inter-relações – e não somente as relações – entre a pessoa e

o meio ambiente físico e social (MOSER, 1998). Ampliando tal discussão, Valera (1996, p. 2) define a Psicologia Ambiental como uma “[...] disciplina que tem por objeto o estudo e a compreensão dos processos psicossociais derivados das relações, interações e transações entre as pessoas, grupos sociais ou comunidades e seus entornos sócio-físicos.”.

Essas relações envolvem alto grau de complexidade e, por conta disso, em estudos sobre esse assunto, torna-se extremamente necessário que a abordagem metodológica de investigação consiga abranger todos os elementos envolvidos nesses fenômenos, desde os aspectos diretamente mensuráveis até as dimensões subjetivas (PINHEIRO, ELALI & FERNANDES, 2008).

Desse modo, muitos estudos realizados procuram seguir uma abordagem multimétodos, a partir de pesquisas que buscam combinar observação qualitativa e análise de dados quantitativa ao longo de sua execução (PINHEIRO & GUNTHER, 2008). A complexidade dos fenômenos estudados exige, muitas vezes, a comunicação com procedimentos metodológicos de outras disciplinas com as quais a PA mantém estreita relação.

No Brasil, parte das origens da PA reside na Psicologia Social Latino-americana, sendo conveniente situar as metodologias utilizadas em seus estudos a partir da influência e do contexto histórico-social. Por estar atrelada enquanto campo de estudo à Psicologia Social, a intervenção ambiental é, em termos gerais, marcada pela intervenção social. O investimento é focado na comunidade local, na identidade social e na apropriação ambiental variando conforme a realidade sócio-histórica encontrada. Além disso, a significação de bem-estar é constituída considerando pontos de vista característicos das especificidades locais.

Nesse trabalho, será dado enfoque às metodologias de intervenção que também possibilitam ao pesquisador conteúdo investigativo da inter-relação pessoa-ambiente. Destacaremos, especialmente, as metodologias “trilhas socioambientais”, “oficinas de intervenção psicossocial” e “mapas afetivos”.

## 2.1 TRILHAS SOCIOAMBIENTAIS

A metodologia das trilhas socioambientais, proveniente originalmente das Ciências Geográficas, tem como objetivo proporcionar aos participantes o reconhecimento de ambientes urbanos e naturais. Por meio de um contexto prático, são ressaltadas as memórias do lugar, bem como os tipos de uso e ocupação que foram desenvolvidos no ambiente ao longo do tempo. A Psicologia Ambiental vem então ampliar este objetivo de reconhecimento dos espaços, agregando informações e vivências com vistas ao processo de apropriação por parte dos usuários.

A relação direta entre indivíduo e ambiente propõe uma interação crítica e afetiva a respeito da evolução histórica do lugar, compreendendo as demandas sociais que construíram esses espaços, ao mesmo tempo em que foram construídas por estes. A partir daí, é possível pensar no ser humano como protagonista dos espaços em que atua, sendo capaz de agir em prol da formação de um ambiente saudável, seguro, acessível e que atenda às necessidades das pessoas que o frequentam.

O foco deste método consiste em propiciar a vivência, tendo em vista que suas atividades são realizadas *in loco*. Por meio do envolvimento e da sensibilização, é possível pensar em uma educação ambiental mais efetiva, tanto no meio natural quanto no construído, o que caracteriza as trilhas ecológicas e urbanas exemplificadas adiante.

A trilha segue com o acompanhamento de dois membros do projeto, responsáveis por conduzir o grupo ao caminho previamente planejado. Com estudos antecedentes e base teórica da Psicologia Ambiental, atenta-se às temáticas da interação entre pessoa e ambiente, suas influências e transformações. Além disso, são ressaltados aspectos histórico-culturais e especificidades do local. Por fim, é aplicado um instrumento de avaliação da trilha, medindo, de forma breve, as impressões e os sentimentos que surgiram durante o percurso.

O projeto “Nas Trilhas da Psicologia Ambiental” dá suporte às demandas que surgem em disciplinas do curso de Psicologia e atua em parceria com os demais projetos do laboratório. Dentre os tipos de trilhas, as mais comumente utilizadas são as trilhas ecológicas e as trilhas urbanas, realizadas, em geral, com alunos das disciplinas de Psicologia Ambiental e de Práticas Integrativas.

As trilhas ecológicas propõem o resgate do contato com o meio natural, sendo hoje muito utilizadas como prática de educação ambiental (SILVA et al., 2012). Em geral, ocorrem em áreas de preservação ambiental como o Parque do Cocó, localizado dentro da cidade de Fortaleza, sendo um cenário com fauna e flora privilegiadas. O parque possibilita passeios e caminhadas em contato direto com a natureza, e parece distanciar o participante do estresse continuamente presente nas grandes cidades. Ressalta-se, nesta trilha, o papel de cada cidadão na preservação dos recursos frente à crescente devastação de áreas naturais para dar espaço às construções. Também são realizadas trilhas no Manguezal de Sabiaguaba e nas Dunas, em Aquiraz, esta última realizada junto à Comunidade Indígena Jenipapo Kanindé em 2014 (Figura 1).

Figura 1 - Comunidade Indígena Jenipapo Kanindé – Aquiraz



*Fonte: Acervo Pessoal dos Autores (2014)*

Quando as condições estruturais permitem, são realizadas trilhas ecológicas fora da capital, nas Serras de Pacatuba e Guaramiranga, sendo esta última, também caracterizada como região de Mata Atlântica, situada a 150 km de Fortaleza. Na trilha de Guaramiranga, a abordagem é direcionada à necessidade de preservação destes ambientes naturais (Área de Preservação Ambiental - APA) e de conscientização da população local quanto aos manejos sustentáveis. Em áreas de preservação, já se realizam estudos sobre a eficiência das trilhas denominadas “interpretativas” (VASCONCELLOS, 2004).

Entre as trilhas consideradas urbanas, destaca-se uma realizada no centro da cidade de Fortaleza, no ponto de articulação do Centro antigo com a praia. Em uma perspectiva construída sociohistoricamente, o Centro de Fortaleza é palco de patrimônios locais. Ali estão situados marcos públicos que são representativos da identidade do município, tais como a Praça do Ferreira, o Museu do Ceará, o Theatro José de Alencar, a Catedral Metropolitana de Fortaleza, entre outros. Em 2012, realizou-se uma trilha Centro-Jacarecanga (Figura 2) como ação de integração entre: as disciplinas de Práticas Integrativas e Psicologia Ambiental e, os cursos de Educação Patrimonial, ministrado pela Prof.<sup>a</sup> Simone Fernandes, do Iphan, e de Fotografia, ministrado pelo fotógrafo Marcos Vieira (SIEBRA, BATISTA & BOMFIM, 2013).

Figura 2 - Trilha Centro-Jacarecanga – Cemitério São João Batista



*Fonte:* Acervo Pessoal dos Autores (2014)

Com a trilha urbana, os participantes são conduzidos ao reconhecimento da história de sua cidade e à reflexão acerca dos processos sociais de transformação do meio natural e construído. Destaca-se também o modo como os marcos são simbolizados e utilizados pela população que mora e por aquela que visita Fortaleza.

O intuito da trilha, seja ecológica ou urbana, é promover a interação dos participantes com importantes espaços públicos da cidade os quais, segundo Gomes (2002), são os cenários onde todos os conflitos se revelam e os pactos se viabilizam, afinal são espaços que estão ao alcance de todos. Em síntese, a metodologia das trilhas socioambientais assume grande importância no processo de ensino-aprendizagem, especialmente devido ao seu aspecto vivencial, de contato direto com a experiência, o que permite a compreensão dos temas teóricos a partir daquilo que se apresenta.

## 2.2 OFICINAS DE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL

A Psicologia Ambiental, por sua característica interdisciplinar, utiliza uma abordagem multimetodológica de investigação e ação. Tendo em vista a sua raiz epistemológica e o constante diálogo com a Psicologia Social, essa disciplina, em muitas oportunidades, faz uso das metodologias desenvolvidas no seio deste campo.

Dentre as metodologias de intervenção utilizadas pela Psicologia Social, as oficinas tem se destacado e sido absorvidas como estratégia em muitos estudos sob o domínio da Psicologia

Ambiental. Muitas vezes, os pesquisadores também podem se utilizar de recursos auxiliares, tais como as técnicas de dinâmica de grupo (ABADE & LIMA, 2009).

As oficinas de intervenção psicossocial foram desenvolvidas por Lúcia Afonso e por um grupo de estudantes de graduação e pós-graduação vinculados ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Sua consistência teórica reside em contribuições da Análise Institucional, da Psicossociologia, das Teorias de Grupo, em que se destacam autores como Kurt Lewin, Pichón-Riviére, Enriquez, Bion, Foulkes e Paulo Freire (AFONSO, 2002).

Kurt Lewin considerava que qualquer transformação social envolvida numa situação de pesquisa deveria ser fruto de uma participação efetiva e conjunta entre pesquisadores e pesquisados. Ponderava, ainda, que os fenômenos grupais só poderiam ser devidamente analisados por alguém que também estivesse incluído no grupo (OSORIO, 1986).

Nesse sentido, a oficina consiste em um momento dinâmico de compartilhamento de impressões, de atitudes e reflexões, num espaço em que se estabelece uma relação dialógica e horizontal entre os participantes e no qual são levados em consideração os aspectos subjetivos e individuais de cada participante e do grupo de uma forma geral. As oficinas constituem uma prática de intervenção psicossocial que pode ser aplicada em instituições educacionais, de saúde, religiosas, em projetos sociais, etc. São realizadas, normalmente, em grupos e, independente do número de encontros, uma questão central deve permear todos os momentos estruturados.

Segundo Afonso (2002), a organização e a condução das oficinas devem ser estruturadas a partir de cinco aspectos não sequenciais: a demanda, o enquadre, a pré-análise, o planejamento e a condução. A pessoa que está à frente da oficina normalmente é chamada de moderador, coordenador ou facilitador e é personagem muito importante no desenvolvimento do procedimento. Porém, a oficina nunca deverá ser imposta pelos que estão à frente desse processo, ressaltando sempre a autonomia dos sujeitos envolvidos.

A demanda diz respeito ao pedido para a realização da intervenção, o qual poderá partir do próprio grupo ou da instituição a eles vinculada. Também pode partir da equipe de pesquisadores que vislumbram a necessidade de trabalhar determinadas problemáticas vigentes na realidade do grupo. Esse aspecto atravessa todo o processo, visto que a demanda pode se modificar ao longo dos encontros.

O enquadre é outro elemento presente na organização das oficinas e consiste na elaboração de uma espécie de contrato sobre as regras de funcionamento do grupo, os locais e horários de encontros e os direitos e deveres de cada membro participante. Entretanto, esse

enquadre surge com o objetivo de facilitar o trabalho desenvolvido, estando, desse modo, sujeito a mudanças por conta da dinâmica do grupo e a imprevistos surgidos.

A pré-análise, por sua vez, é realizada a partir do levantamento das necessidades e informações do grupo relevantes para a intervenção. Esse momento é ainda importante para que a equipe pesquisadora possa se integrar e criar vínculos com os membros do grupo, ao mesmo tempo em que os temas geradores dos encontros, assuntos relacionados à problemática central a ser trabalhada (o foco), são definidos em conjunto.

Já o planejamento da oficina é proposto por Afonso (2002) de duas formas: 1) Planejamento global, que considera a intervenção do início ao fim; e 2) Planejamento passo a passo, que é construído ao longo do processo grupal. Por fim, a condução diz respeito à maneira que a oficina é administrada ao longo dos encontros, dependendo dos papéis assumidos pelo coordenador, e das fases e processos intersubjetivos surgidos no grupo.

Santos & Felipe (2009) ressaltam ainda dois aspectos evidentes na metodologia oficina: possui um caráter terapêutico na medida em que proporciona um espaço onde o sujeito tem oportunidade de se expressar sobre uma problemática referente à sua realidade, e, além disso, é um espaço para compartilhar experiências que possibilitam elaborar questões de fundamental importância na condução da própria vida. Por outro lado, agrega um caráter pedagógico, uma vez que essa troca de informações, esse contato, podem ser fontes de produção de conhecimentos.

### *2.2.1 Oficina de Gestão de Resíduos Sólidos*

As oficinas de gestão de resíduos sólidos têm por objetivo apresentar aos participantes o processo de coleta seletiva e a correta separação dos resíduos sólidos e visam à educação e preparação do cidadão ao processo de implantação da coleta seletiva nos municípios, agora plano obrigatório das gestões municipais, com a Lei nº 12.305/10, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). Para tanto, as oficinas são realizadas em grupo de mais ou menos doze pessoas, com atividades organizadas que simulam a realidade, dando aos participantes a oportunidade de, primeiramente, compreender os conceitos e, em seguida, praticar o que foi discutido na dinâmica. Tal oficina foi realizada pela primeira vez no contexto de implantação da coleta seletiva no *Campus* do Benfica, da Universidade Federal do Ceará, nas áreas I e II, no início de 2010, momento em que o LOCUS se comprometeu com a promoção de ações de educação ambiental aos usuários do *Campus*.



Acredita-se que, para a construção de um espaço promotor de qualidade de vida, é necessário, antes de tudo, sensibilizar as pessoas quanto à sua corresponsabilidade na própria gestão da coleta seletiva. A oficina divide-se em dois momentos principais: um inicial, que tem uma abordagem mais teórica, e um segundo, no qual a abordagem é prática.

Inicialmente, a discussão teórica foi contextualizada no sentido de promover o debate sobre a realidade vivida no *campus* e a responsabilidade de cada cidadão frente à sua produção de resíduos. Em seguida, abordou-se o processo de coleta seletiva de forma integrada na vida dos indivíduos. O momento da atividade prática teve o objetivo de verificar os reais níveis de conhecimento dos participantes da oficina sobre a separação dos materiais recicláveis. Além disso, buscou-se identificar quão implicados estão os sujeitos diante desse processo da coleta e quais são as principais dificuldades diárias sentidas por eles para realizar tal atividade.

A dinâmica proposta consistiu na divisão dos participantes em dois grupos que, a partir da realidade fortalezense no tema dos materiais recicláveis, deveriam separar materiais previamente escolhidos e coletados pela equipe organizadora nas tipologias: papel, plástico, vidro, metal, orgânico e não reciclável. Após a atividade, os alunos puderam expressar suas impressões sobre a oficina para o grupo.

### *2.2.2 Oficina Cine*

Esse tipo de oficina propõe a discussão coletiva a partir de um estímulo audiovisual. Trata-se da apresentação de um filme, documentário, entrevista ou mesmo de uma apresentação construída pela própria equipe.

Uma das temáticas inseridas mais recentemente no LOCUS enfatiza a questão do consumo consciente e da sustentabilidade. Desta forma, tem-se buscado cumprir o compromisso assumido pelo Laboratório de envolver a comunidade acadêmica de maneira participativa e crítica numa contínua construção de um espaço promotor de qualidade de vida para os próprios estudantes, servidores, professores e todos que circulam diariamente pelos entorno da Universidade.

Destacam-se duas modalidades nesta categoria de oficina, uma que trabalha com filmes denominados curta metragem e outra que utiliza longa metragem.

Uma experiência com o uso de curta metragem foi realizada com novos alunos do curso de Psicologia. Na ocasião, apresentou-se o LOCUS aos mesmos, realizando, em seguida, uma

ação de sensibilização quanto à importância da participação de cada um deles na coleta seletiva no *Campus* do Benfica, que estava em pleno processo de implantação.

Esta oficina teve duração de duas horas e contou com a participação de 19 alunos. Inicialmente, foi realizada uma dinâmica de integração, visto que a maioria dos estudantes ainda não se conhecia. Após esse momento, a equipe colocou o curta-metragem “A História das Coisas” de Louis Fox (2005), pedindo que os participantes refletissem sobre a pergunta “O que é o lixo?” antes e depois de assistir ao filme.

O filme gerou uma rica discussão abordando temáticas como: consumo, impacto ambiental gerado pelo lixo, sistema capitalista, sustentabilidade e importância da reciclagem. Para finalizar, foi exibido o documentário “A Ilha das Flores”, de Jorge Furtado (1989).

Na outra modalidade de oficina cine, tem-se trabalhado com o longa-metragem “Lixo Extraordinário”, de Vik Muniz (2010). Trata-se, na realidade, de um documentário sobre um aterro sanitário no Rio de Janeiro, com foco direcionado à vida dos catadores. Após a exibição, realiza-se uma discussão aberta com os participantes.

Esta oficina tem sido realizada com os alunos do curso de Psicologia, na disciplina de Práticas Integrativas, e com catadores de resíduos sólidos, vinculados às associações de catadores da cidade de Fortaleza.

### 2.2.3 Oficina Técnica de Reciclagem

Esse tipo de oficina requer que o número de participantes seja reduzido para garantir a organização e o acompanhamento individual do facilitador com cada membro do grupo. Consiste em ensinar aos integrantes algum tipo de atividade, como a construção de origamis, de objetos de cerâmica, de costura, etc. Contudo, deve existir uma temática abrangente que envolva o ensino técnico daquela atividade. No LOCUS, a oficina contou com a participação de um catador de lixo, que obtém o seu sustento com a atividade de construir pufes por meio de garrafas pet.

A temática que permeou a oficina de reciclagem foi a da sustentabilidade, com ênfase na reciclagem. O facilitador levou um pufe pronto e todos os materiais necessários para que outro fosse construído. Como é uma tarefa muito complexa e que demanda muito tempo, todo o grupo, composto por seis pessoas, esforçou-se para construir apenas um pufe, trabalhando de forma coletiva. Essa oficina compôs parte da programação da semana “Lixo, e eu com isso?”, promovida pelo LOCUS.

#### 2.2.4 Oficina dos Sentidos

Esse tipo de oficina propõe atividades que aguçam os sentidos dos participantes, buscando explorar sua relação com o ambiente em que está inserido, consonante com os pressupostos teóricos da Psicologia Ambiental. Estas oficinas fizeram parte dos seminários anuais do LOCUS, sendo as primeiras realizadas no MAUC – Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará com a participação dos alunos do Curso de Arquitetura. Em outra ocasião, foram realizadas para abordar a temática das privações vividas e dificuldades de mobilidade no Centro de Humanidades do *Campus* do Benfica. Não há restrição quanto ao número de participantes, mas torna-se fundamental contar com um número maior de facilitadores, caso o grupo de participantes seja muito grande.

A Oficina dos Sentidos, realizada no Centro de Humanidades, aconteceu em um espaço livre dentro do *campus*. Na ocasião, dois exercícios foram propostos. No primeiro, os participantes tentariam se deslocar, caminhando e usando vendas nos olhos, ou seja, privados do sentido da visão. No segundo exercício, o deslocamento dos participantes deveria ser feito com o uso de cadeiras de roda (privados parcialmente de movimento). Após essas experiências, realizou-se uma discussão acerca das sensações, percepções e sentimentos dos participantes diante das situações de privação vividas. Buscou-se, a partir dos depoimentos, criar propostas com vistas às mudanças na estrutura física do *campus* de tal modo que esse espaço viesse a se tornar acessível para todos.

### 2.3 MAPAS AFETIVOS

Para definirmos o instrumento dos mapas afetivos (Bomfim, 2010) é necessária, primeiramente, a definição de mapas cognitivos, pois aquele é uma proposta que envolve este último. Mapa Cognitivo é tido como um processo no qual a mente humana codifica, armazena, decodifica e representa o ambiente espacial. Inseridas neste processo, estão ações como percepção de imagens, memorização e projeção (SOUZA, 1995). Segundo Oliveira (2006, p. 36), os “mapas mentais na percepção ambiental não devem ser vistos como meros produtos cartográficos, mas como forma de comunicar, interpretar e imaginar conhecimentos ambientais”.

O arquiteto Kevin Lynch, foi um dos primeiros autores a estudar a representação mental do ambiente em relação ao comportamento humano, a partir de mapas mentais (OLIVEIRA, 2006). Um dos principais conceitos de Lynch sobre os mapas cognitivos é o de *landmarks*, que são “elementos de referência facilmente identificáveis pelo indivíduo.” (SOUZA, 1995, p. 6).

Podem ser chamados, inclusive, de pontos marcantes na paisagem. Deste modo, entende-se que não apenas o ambiente modifica o homem, mas este também transforma o meio no qual está inserido (FREIRE & VIEIRA, 2006). Os mapas mentais são denominados assim por realizarem representações espaciais na mente humana, mas suas análises devem ser feitas a partir da perspectiva de um produto processual e não estático (OLIVEIRA, 2006).

Dado que a percepção ocorre de forma distinta entre os indivíduos, ou seja, cada um tem sua percepção com relação a um determinado espaço dependendo da sua história de vida, o conceito de mapa afetivo insere a ideia de afetividade do sujeito relacionado ao ambiente analisado. Segundo Furlani e Bomfim (2010, p. 52), os mapas afetivos são instrumentos metodológicos que buscam “acessar os sentimentos por intermédio de desenhos, metáforas e palavras, direcionando uma compreensão da relação da pessoa com o entorno físico.”. Eles indicam a afetividade e o apreço que os respondentes têm pelo local focalizado na aplicação do mapa afetivo. Este método é composto por três partes. Primeiramente, é pedido para que o respondente elabore um desenho do espaço pesquisado, e, em seguida, solicita-se que o participante responda algumas questões relativas ao que foi representado por ele no desenho anterior. Posteriormente, o respondente deverá responder algumas questões referentes à sua relação com o lugar. Estas últimas questões são apresentadas no formato de escala Lykert.

O projeto de extensão desenvolvido no Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental que se utiliza desta metodologia denomina-se “Diagnóstico-Ação pelos Mapas Afetivos”, que, além desta, faz uso também de questionário qualitativo, trilha urbana e grupo focal.

Após a aplicação do mapa afetivo é realizada a trilha, feita em parceria com outro projeto do LOCUS, anteriormente citado “Nas Trilhas da Psicologia Ambiental”. Nela, são visitados os lugares mais representativos do local estudado. Após a atividade da trilha, é realizado um grupo focal no qual se pretende estruturar um espaço de reflexão e de discussão entre os participantes da pesquisa, tratando questões suscitadas com relação ao local estudado.

### **3 CONCLUSÃO**

Como se pode observar ao longo deste artigo, a Psicologia Ambiental possui diferentes metodologias de trabalho em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, aqui conduzidas pelo Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental - LOCUS, da Universidade Federal do Ceará - UFC.

As metodologias apresentadas têm em comum os propósitos de pesquisa, construção e divulgação dos saberes, vivências dos temas específicos e reflexões coletivas. Tudo isso com um objetivo maior que é de conscientizar o participante de seu papel de protagonista na relação com o ambiente, acreditando que, dessa forma, seja possível uma mudança de comportamentos e de atitudes frente a tantas demandas socioambientais.

Também se faz importante destacar o papel da interdisciplinaridade, que ocorre não apenas no campo da teoria, mas de maneira especial, configura-se como um exercício prático constante, facilitador e integrador de saberes e de profissionais.

## REFERÊNCIAS

ABADE, F. L.; LIMA, Y. A oficina de intervenção psicossocial como estratégia de formação e articulação no trabalho com educadoras no contexto da pesquisa-ação. In: **XIII Colóquio Internacional de Psicossociologia e Sociologia Clínica**, Belo Horizonte, 2009.

AFONSO, L. (Org). **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2002.

BOMFIM, Z. A. C. **Cidade e afetividade. Estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

CARRUS, G.; FORNARA, F.; BONNES, M. As origens da Psicologia Ambiental e os fatores externos. In: **Contextos Humanos e Psicologia Ambiental**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

FREIRE, J. C.; VIEIRA, E. M. Uma escuta ética de Psicologia Ambiental, **Psicologia & Sociedade**; 18 (2): 32-37; maio/ago. 2006.

FURLANI, D. D.; BOMFIM, Z. A. C. Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos, **Psicologia & Sociedade**; 22 (1): 50-59, 2010.

GOMES, P. C. C. **A condição urbana: Ensaio de Geopolítica da Cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – Política Nacional de Resíduos Sólidos. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/pol%C3%ADtica-de-res%C3%ADduos-s%C3%B3lidos> Acesso em: 07 jun. 2015.

MOSER, Gabriel. Psicologia Ambiental, **Estudos de Psicologia (Natal)**, vol. 03, nº 1, 1998.

OLIVEIRA, N. A. S. A educação ambiental e a percepção fenomenológica, através de Mapas Mentais, **Revista eletrônica mestrado Educação Ambiental**, v.16, jan/jun, 2006.

OSÓRIO, L. C. (Org.). **Grupoterapia hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

PINHEIRO, J. Q., GÜNTHER, H. (Org.). **Métodos de pesquisa no estudo de pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

PINHEIRO, J. Q., ELALI, G. A. & FERNANDES, O. S. Observando a interação pessoa-ambiente: vestígios ambientais e mapeamento comportamental. In: J. Q. Pinheiro & H. Günther (Orgs.). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente** (pp. 75-104). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

RAYMUNDO, L. S. **Ambiente físico e desenvolvimento psicológico**. [dissertação]: Investigação do Comportamento da Criança no Espaço de Parque das Instituições de Educação Infantil. Florianópolis: 2010.

SANTOS, L. R., FELIPPE, M. P. Z. Oficinas de intervenção psicossocial: do contexto ao texto fotográfico. In: **Anais XV ENABRAPSO**, 2009.

SIEBRA, L. M. G.; BATISTA, V. L.; BOMFIM, Z. A. C. **Reconhecendo Caminhos para uma Educação Patrimonial no Território Cearense**. Série Patrimônio Cultural e Extensão Universitária, v. 1, p. 1, IPHAN, 2013.

SILVA et al. Trilha Ecológica como Prática de Educação Ambiental. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, UFSM, Vol. 5, Nº 5, p. 705-719, 2012.

SOUZA, C. L. Cognição ambiental e as relações: mapas cognitivos, Ambiente Construído & APO. **Textos do laboratório de Psicologia Ambiental**, 1995, vol 4, nº 8. Instituto de Psicologia/ Universidade de Brasília.

VALERA, S. Psicología ambiental: bases teóricas y epistemológicas. Em L. Iñiguez & E. Pol (Eds.), **Cognición, representación y apropiación del espacio** (pp.1-14). Barcelona: Publicacions Universidad de Barcelona, 1996.

VASCONCELLOS, J. M. O. Avaliação da eficiência de diferentes tipos de trilhas interpretativas no Parque Estadual Pico do Marumbi e Reserva Natural Salto Morato - PR. **Natureza e Conservação**, Vol. 2, Nº 2, p. 48-57, 2004.